

tentando evidenciar o modo como se desenvolveram, nos espaços monásticos cistercienses, apesar do ascetismo formal, alguns programas coerentes e modelares.

Os trabalhos completaram-se com o lançamento do *Livro do VII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões* (2011), dedicado a *Monasticon: História e Memória*, e com a visita da exposição *São Teotónio: Patrono da diocese e da cidade de Viseu (1162-2012)*, evocativa “dos 850 anos da morte desta figura marcante do percurso colectivo dos portugueses”, e patente ao público, em Viseu, no Museu de Grão Vasco.

A exemplo do que vem acontecendo, mais uma vez, o ambiente do *Encontro* foi rico pelas intervenções suscitadas e pelo diálogo gerado em volta dos temas propostos. Parece concluir-se que, definitivamente, os temas ligados a Cister continuam a marcar pertinência e a suscitar interesse não só entre estudiosos, mas também entre aqueles que, de algum modo, se entusiasмам com a história de uma instituição que também ajudou a conformar Portugal.

Como vem sendo hábito, o *Encontro* teve a colaboração do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra através da participação na Comissão Científica (Presidência).

No final dos trabalhos, foi anunciado o tema e a data de realização do IX Encontro Cultural em S. Cristóvão de Lafões: *Cister: crise e inovação*, que terá lugar a 10 e 11 de Maio de 2013.

Maria Alegria Fernandes Marques

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

Presidente da Comissão Científica dos Encontros Culturais de S. Cristóvão de Lafões

mfm@fl.uc.pt

Congresso Internacional

Os Franciscanos no Mundo Luso-Hispânico: História, Arte e Património
24-28 de Julho de 2012

Os Franciscanos no Mundo Luso-Hispânico: História, Arte e Património, foi o título do Congresso Internacional promovido pela Sociedade de Geografia de Lisboa, nos dias 24-28 de julho de 2012. A iniciativa,

comemorativa dos 800 anos da fundação da ordem franciscana, foi co-organizada por outras instituições como o Centro de História de Além-Mar (CHAM) / Uni. Nova e Uni. dos Açores; Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) / Uni. Católica Portuguesa; Escola Superior de Belas Artes e Centro de Estudos em Ciências das Religiões / Uni. Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Centro de Estudos Franciscanos (Porto); Centro de Estudos de Arte e Arqueologia / Instituto Politécnico de Tomar.

Constituído não apenas por qualificados membros da ordem como o Dr. fr. Henrique Pinto Rema, heterogêneo era o grupo que compunha o Conselho Científico que avaliou as muitas propostas. Não poderia ser de outra forma, pois foram oito as áreas temáticas do encontro: Estruturas e história institucional; Património edificado; Iconografia e património móvel; Missões, assistência e ensino; Biografias de relevo; Circuitos e itinerância no mundo; Bens e Rendimentos; Bibliotecas, Arquivos e Fontes. Foram dias densos de debate, realizados principalmente na sede da Sociedade de Geografia, onde simultaneamente decorreram quase 100 comunicações para um total de 31 *forum*. A sede oitocentista da instituição no coração da capital portuguesa foi o cenário da sessão de abertura, inaugurada pelas palavras de boas-vindas do Presidente Prof. Doutor Luís Aires de Barros, do Provincial dos Frades Menores em Portugal, padre Victor Melícias, e pela conferência *Os Franciscanos na Expansão portuguesa: 1415-1834* proferida pelo Prof. Dr. Victor Teixeira. O Centro Cultural Franciscano da Casa da Luz foi, no entanto, o espaço onde se concluíram as seções do Congresso. Poderíamos dizer que o jardim desse Centro se tornou num “Hortus Conclusus” com a exposição fotográfica *O claustro Franciscano: de Guadalupe a Goa* (organizado por Anna Assis Pacheco), significativo coroamento destes dias consagrados à difusa presença e às múltiplas instituições da Ordem Seráfica.

Com efeito, áreas geográficas, coordenadas cronológicas, temáticas historiográficas específicas e complementares foram tratadas com competência e versatilidade, lideradas entre outros pelos Professores Fernando Larcher, António Matos Ferreira, Manuel Gonçalves Pereira OFM, Manuel Neves, Hermínio Araújo OFM; Ana Isabel Buescu, Augusto Pereira Brandão; Henrique Coutinho Gouveia, Manuel Baeta Neves, Susana Costa Goulart, João Pereira Neto, Mario Farelo. Com experiência

e disponibilidade, interconectando e comparando “limites” socio-políticos-religiosos, foram eles a manter as fileiras das muitas comunicações que irradiavam desde os espaços de Portugal envolvendo regiões do norte da Espanha e do *Mezzogiorno* de Itália, dos territórios ultramarinos dos impérios luso-hispânicos: propostas heterogêneas de longo e largo marco, caminhos de pesquisa que podiam estar apenas no início, ou aos quais se dava voz depois de uma longa peregrinação entre arquivos, bibliotecas, ou após períodos de silencioso estudo. São estas as fronteiras temáticas de intervenções como *São José de Cupertino (1603-1663): o conventual “voador” desde Itália até Portugal. Notas de um itinerário de pesquisa* de Paola Nestola (bolseira FCT e investigadora colaboradora do CHSC, Uni. Coimbra); ou *A Livraria do Seminário dos Missionários Apostólicos – Convento de Santo António do Varatojo (1680-1834)*, de Maria da Luz Rei (CECD-FLUL, Uni. Nova Lisboa); ou *As pinturas do teto da igreja de São Francisco de Paula na cidade de Goiás, Brasil*, por Mara Raquel Rodrigues de Paula, (Col.Claretiano Coração de Maria, Secr.Est.Educ.de Goiás). Poderíamos dizer olhares cruzados só aparentemente longínquos, que com efeito suscitaram profícuos debates. Por outro lado, entre os percursos incluídos em projetos mais amplos, exemplificativa é a densa comunicação *A parenética franciscana ao serviço da monarquia por ocasião do nascimento de D. Maria Teresa de Bragança (1793)* de Isabel Drumond Braga (Uni. Lisboa); assim como apresentaram novos aspetos, dados estatísticos, sem deixar de integrar fontes escritas e visuais, quer José Maria Alonso del Val, OFM (Subdirector da Revista *Archivo Ibero Americano*) em *Franciscanos vascos, montanheses y navarros en la evangelizacion y misioneros de Asia desde o siglo XVI hasta nuestros dias*; quer Margarida Sá Nogueira Lalande (Uni.Açores, CHAM) e Maria Luísa Jacquinet (Uni. Coimbra) que focaram dois distintos planetas do universo clariano nas comunicações *Das clarissas e dos dotes de entrada em religião no seculo XVII* no primeiro caso, e *As Clarissas do Desagravo: da especificidade da regra à singularidade da arte* no segundo.

Além disto, não se pode dizer que figuras franciscanas carismáticas da galáxia luso-hispanica (ao popularíssimo lisboeta São António foi dedicada uma inteira sessão no primeiro *forum*, e poderosa foi a ação do bispo de Goa abordada no relatório de Maria Madalena Larcher (Uni.Cat.de Louvain)

Fr. João de Albuquerque e as jurisdições eclesiásticas do império), aspetos materiais (tais como as especificidades arquitetónicas e decorativas de alguns centros de irradiação do franciscanismo no velho continente e nos territórios de Além mar) têm sido temáticas exclusivas. Com efeito estes tangíveis sinais e presenças masculinas ou femininas têm gravitado em torno de um arsenal de elementos só a primeira vista com um valor fugaz ou aparentemente efêmero. Basta pensar na “distintiva” e “identificativa” proposta de Ricardo Silva (Uni. Minho), *O uso da mortalha franciscana em Braga na Época moderna*; ou no percurso centrado sobre a época contemporânea de Telma Bessa Sales, *Franciscanos e pastorais sociais no Brasil: um diálogo possível*. Também a justiça franciscana teve um *forum* específico, lida no contexto da caridade e da misericórdia, e interpretada em âmbitos geográficos concretos como no exemplificativo caso *La orden franciscana y el ejercicio de la justicia en las Islas Canarias durante la Edad Moderna* pormenorizado por Belinda Arrocha Rodriguez, bolsreira do Max Planck Institut für Europäische Rechtsgeschichte. Por seu lado, apresentando uma determinada categoria antropológica, a comunicação do capelão hospitalário Hermínio Araújo OFM, *O paradigma da cordialidade na ação dos franciscanos varatojanos no terramoto da cidade de Lisboa de 1755*, ajudou a esclarecer o “património imaterial” – de acordo com a definição do mesmo Araújo – e constitutivo da ordem do Santo oriundo de Assis.

Em suma em pleno verão de 2012 concluiu-se uma importante etapa de uma plataforma de debate bem organizada e coordenada, um intenso momento no qual as entusiastas comunicações e propostas de análises sugerem atas densas e articuladas. Contributos capazes de ser testemunho quer das diferentes ações desenvolvidas entre os múltiplos poderes, sociedades e espaços culturais nas quais se inseriram os agentes luso-hispânicos no curso dos séculos; quer do enraizamento, da renovação e da vitalidade do carisma de específicas identidades franciscanas num contínuo confronto de estratégias e iniciativas evangélico-missionárias.

Paola Nestola

Bolsreira post-doc do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra (CHSC)
paola.nestola@tin.it